

MEMÓRIAS EDUCACIONAL E POLÍTICA DE UMA PROFESSORA DO RIO GRANDE DO NORTE (1978-2008)

EDUCATIONAL AND POLITICAL MEMORIES OF A TEACHER OF RIO GRANDE DO NORTE (1978-2008)

Jessica Luana Fernandes¹

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8454-0589>

Fabiana Sena²

Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3340-7769>

RESUMO

Este estudo pretendeu dar visibilidade às memórias de uma professora do Rio Grande do Norte, Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo e analisar sua trajetória educacional e seu engajamento político e social na cidade de Pau dos Ferros – RN, entre os anos de 1978 e 2008. O interesse pela história dessa professora surgiu porque, quando tomamos conhecimento da trajetória de mulheres educadoras engajadas politicamente nos movimentos sindicais e sociais de Pau dos Ferros, nossa curiosidade nos fez questionar sobre a representatividade feminina na política dessa cidade. Para compreender o processo de construção da identidade professoral de Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo, utilizamos fontes orais (história oral), para que ela narrasse seu processo de escolarização formal articulado entre histórias familiares e configurações políticas. Assim, neste estudo, não atentamos para a professora e seus eventos narrados como um retrato fiel do passado, porquanto a memória é algo mutável e ressignificada a partir do olhar do presente.

Palavras-chave: Memória. Docência. Política.

1 INTRODUÇÃO

Tomamos de empréstimo a seguinte frase de Rossi (2010, p. 16): “ [...] Voltar a lembrar implica um esforço deliberado da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma [...]”. Para tratar de uma história de vida, ou melhor, um fragmento da história de vida, é necessário um esforço do sujeito que é convidado a se lembrar de um acontecimento. Entre lembranças e esquecimentos, a história do sujeito é considerada como um jogo de revelação e encobrimento, em que nem tudo pode ser dito ou se quer dizer. Isso porque “[...] a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 204).

Às vezes, “[...] os temas memórias, rememoração, esquecimentos – incluindo os silêncios e os não ditos – são abordados [...] em seus aspectos negativos ou mesmo

¹ Mestre em Educação - PPGE/UFPB. E-mail: fernandes.luana095@gmail.com

² Professora Associada no Departamento de Metodologia da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Atua no PPGE/UFPB. E-mail: fabianasena@yahoo.com.br

pejorativos” (BRANDÃO, 2008, p. 15). No entanto, tratamos da memória relacionada aos aspectos como rememoração e ressignificação de trajetórias por meio da memória autobiográfica. Isso se justifica porque compreendemos que a memória não dá um quadro fidedigno do passado, porquanto é mutável e passível de ressignificação, em razão dos silêncios e dos esquecimentos presentes na rememoração do passado.

Convidar um sujeito a lembrar de acontecimentos que estão no passado e que os ajudaram a se tornar a pessoa que é, ainda que seja entre dores e alegrias, impõe-lhe um contato com o passado, “[...] mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência o futuro” (ROSSI, 2010, p. 24). Nessa perspectiva, buscamos dar visibilidade às memórias de uma professora do Rio Grande do Norte, Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo, a fim de analisar sua trajetória educacional e o engajamento político e social na cidade Pau dos Ferros - RN³ entre os anos de 1978 e 2008. O interesse pela história dessa professora surgiu por tomarmos conhecimento da trajetória de mulheres educadoras aposentadas do *Campus* Avançado Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CAMEAM/UERN - engajadas politicamente nessa cidade, o que nos fez questionar sobre a representatividade feminina na política.

Pensar na história das educadoras nesse cenário político reporta à trajetória de mulheres como sujeitos da história. Hoje, elas estão inclusas no campo da historiografia, em razão da Nova História Cultural que contribuiu para essa inclusão, quando, no Século XX, a renovação historiográfica ampliou as temáticas e os objetos de pesquisa. Por meio dessa perspectiva, o recorte deste estudo diz a respeito à formação de Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo na docência, durante o período de 1978, quando iniciou sua atuação na docência, a 2008, ano em que se aposentou. Assim, o objetivo deste estudo é de dar visibilidade às memórias dessa professora, a fim de compreender como construiu sua identidade professoral entrelaçada no engajamento político da cidade de Pau dos Ferros.

Para estudar a trajetória dos indivíduos e suas experiências, é fundamental utilizar fontes e métodos que possibilitem analisar essas vivências, por meio de fontes orais (história oral), para que a Professora Valdilene Lobo narrasse sua trajetória educacional. Logo, as entrevistas foram realizadas em diversos momentos, no intervalo de seis meses, para que a professora confiasse no processo. O produto originado da História Oral faz parte de um tipo de documento biográfico de memórias e autobiografias, que possibilitam compreender como o sujeito experimenta e interpreta dados acontecimentos ou situações e os modos de vida e

³ Pau dos Ferros é um município situado no interior do estado do Rio Grande do Norte, que dista 392 Km da capital, Natal.

as vivências do grupo social, comprometido com as experiências de um indivíduo, e não, com uma verdade absoluta.

Neste estudo, não tivemos a intenção de apresentar “grandes nomes”, mas de reconhecer que as trajetórias e as memórias de sujeitos esquecidos/apagados na História merecem ser ouvidas, vistas e compreendidas, assim como fizemos com a Professora Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo. Portanto, entendemos que a pesquisa na História da Educação revela a história e a identidade pessoal e/ou de um grupo e que nossa memória também é coletiva, faz-nos personagens de nossa própria história e nos possibilita compreender a sociedade a partir de um sujeito.

2 REMINISCÊNCIAS DA PROFISSÃO DOCENTE: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE VALDILENE LOBO

Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo nasceu no dia 22 de março de 1953, no município de Portalegre, zona rural de Tabuleiro dos Bois, localizada no Polo Serrano da mesorregião do oeste potiguar. Ela é a quinta filha do fazendeiro Francisco Lobo Maia e da dona de casa Celi Pinheiro Lobo - dos 15 irmãos, são 13 filhos do primeiro casamento de Francisco Lobo Maia, duas filhas do segundo casamento, e um filho do terceiro. Logo, eram 16 filhos, porque o mais velho faleceu em 2012. A família mudou-se para Pau dos Ferros, objetivando dar seguimento ao estudo dos filhos nas escolas da cidade. Valdilene Lobo ingressou no Patronato Alfredo Fernandes, para cursar o ensino fundamental, e continuou a formação escolar. Morou nos municípios de Sousa, Catolé do Rocha e Brejo do Cruz, na Paraíba, para cursar o ensino de 2º grau e, posteriormente, o ensino superior, em Recife. Atualmente reside em Pau dos Ferros. Casou-se com Eliézer de Freitas Nunes, em 1991. Tem um filho, Émerson de Albuquerque Nunes, de 24 anos, e uma filha, Érika Celi de Albuquerque Nunes, de 22.

A educadora formou-se em Estudos Sociais com habilitação em Educação Moral e Cívica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), no ano de 1977. Em 1978, começou a atuar profissionalmente como educadora do Estado na Escola Estadual 31 de Março, hoje Escola Estadual Dr. José Fernandes de Melo. Em 1979, tornou-se professora da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN)⁴, atual Universidade

⁴ A UERN foi criada em 1968, em Mossoró, com o nome Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), como resultado da agregação de quatro faculdades: a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade de Serviço Social, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Escola Superior de Enfermagem.

do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atuou no ensino de primeiro e de segundos graus durante onze anos concomitantes ao período de atuação na UERN. Em 1993, passou a se dedicar exclusivamente nela e aposentando-se em 2008.

No que diz respeito ao engajamento político e social, atuou no Sindicato dos Professores. Inicialmente, foi escolhida para coordenar a subseção da extinta Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN), hoje Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTE). Já na Universidade, esteve presente na Associação Docente da Fundação Universitária Regional do Rio Grande do Norte (ADFURN), atual Associação Docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (ADUERN), e, no final dos 1980, engajou-se no Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1982, filiou-se ao PDS e lançou-se como candidata ao cargo de vereadora do município de Pau dos Ferros, mas não se elegeu.

Atualmente, não participa mais desse engajamento político na comunidade, exceto de algumas reuniões esporádicas, com a justificativa de que, depois que se aposentou, teve que cuidar dos pais já idosos. Quanto ao PT, como estava “descrente” de sua cena política, desfilou-se dele e transferiu o título eleitoral para o município vizinho.

A formação da educadora iniciou-se no contexto rural, em um espaço não formal de educação, o que revelava sua condição social. Por conseguinte, passou a ser formal, quando, juntamente com a família, mudou-se para a cidade.

Entrei na escola formal lá no patronato Alfredo Fernandes em Pau dos Ferros. Eu acho que com sete anos de idade. Sete anos, porque era jardim de infância, série A, série B e série C. No Patronato a gente estudava para poder chegar ao primeiro ano primário. (LOBO, Entrevista I, 2016)

As recordações da professora trazem à luz uma instituição relevante para a história da educação de Pau dos Ferros. O Patronato Alfredo Fernandes foi uma instituição destaque na história da cidade e idealizada pelo vigário da paróquia pauferrense, Padre Manoel Caminha Freire de Andrade, com o objetivo de oferecer assistência social e cristã à comunidade e aos municípios vizinhos (DEODATO e NETA, 2012).

As reminiscências de Valdilene Lobo revelam, mais uma vez, sua condição social, ao afirmar que não pagavam nada, mas que seu pai contribuía para manter a instituição, que, embora tivesse princípios filantrópicos, também chegou a receber uma clientela pagante. Afirma, ainda, que seu pai era um homem rico:

Em 1987, a instituição estadualizou-se. O *campus* de Pau dos Ferros foi criado em 1976. Atualmente, a UERN é constituída de um *Campus* central, cinco *Campi* avançados e doze Núcleos Avançados de Educação Superior.

O meu pai era pecuarista, como eu disse a você, ele foi um homem muito rico, ele herdou muitas propriedades, rico de propriedades, de fazenda, de gado, o pai dele, vovô Valdivino, foi uma pessoa muito importante na Paraíba, foi deputado, foi coronel da Guarda Nacional, Valdivino Lobo Ferreira Maia, e a riqueza era propriedade, sabe? Eram propriedades, ele possuiu escravos, meu avô. A avó de comadre, Sinhá Gertrudes, foi escrava de vovô Valdivino (LOBO, Entrevista IV, 2016).

O avô de Valdilene Lobo era considerado chefe político na região de Catolé do Rocha, onde exerceu o cargo de deputado estadual da Paraíba e foi coronel da Guarda Nacional. Quanto à Comadre, é sua mãe adotiva. Gertrudes foi escrava de sua família e avó de Comadre. Assumiu a criação de Valdilene Lobo e dos demais irmãos quando sua mãe biológica faleceu.

Sobre sua formação, a escolha do curso, a profissão e o ingresso no ensino superior, a professora nos relata o seguinte:

Olhe, eu queria fazer medicina, nunca pensei, quero dizer, eu nunca pensei em ser professora, nunca passou pela minha cabeça, embora, quando criança, eu ... “vixe” Maria! Eupensava assim, “ser professor pra corrigir prova”, você acha? [...] eu ainda fiz vestibular para medicina, mas não estudei o suficiente, terminei o ginásio aqui, e tinha magistério o normal (LOBO, Entrevista II, 2016).

Valdilene Lobo afirma, enfaticamente, que não pensava em ser professora. Ao falar da escolaridade do pai, disse que ele queria cursar Medicina: “Mas ele fez até o terceiro ano, ele disse que foi a única coisa que se arrependeu, de não ter feito medicina” (Entrevista realizada em março de 2016). O interesse em cursar Medicina está associado ao desejo do pai, que tinha um ideário profissional. O segundo grau (ensino médio) foi concluído em Pau dos Ferros, onde só havia o magistério normal, mas preferiu não cursá-lo. Em razão disso, mudou-se de cidade para cursar o científico.

[...] estudei o primeiro ano científico em Souza, fui pra Catolé do Rocha, fiz lá o segundo e o terceiro científico, no Colégio Estadual de Catolé do Rocha, segundo e terceiro científico, eu não fiz magistério. Um tio meu, tio Mário, que era oficial da Marinha, tinha assim uma loucura pela educação, não sabe? Ele era casado, só tinha uma filha adotiva e ajudava muito os sobrinhos porque queria que os sobrinhos estudassem. Minha irmã mais velha foi fazer vestibular, e ele botou pra ela fazer Estudos Sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco e me chamou também, em 1974, porque terminei o científico em 1973, passei 1973 em Brejo do Cruz. A gente foi morar em Brejo, mamãe morreu em 1971, e papai inventou de morar em Brejo porque tinha a família dele lá. Eu fiz Estudos Sociais, quando eu cheguei lá, foi que eu soube que era um curso de licenciatura, e a bem da verdade, eu nem sabia direito o que era uma

licenciatura porque o processo de escolarização, o meu, foi muito fechado, muito autoritário, muito tradicional, sem informação, não sabe? Foi exatamente na época da ditadura. Minha irmã já estava lá estudando, em 1973, aí, em 1974, eu fiz o vestibular, passei e fui cursar Estudos Sociais com habilitação em Educação Moral e Cívica [...]. (LOBO, Entrevista II, 2016)

Nesse trecho, a professora cita alguns motivos que a fizeram prestar o vestibular para o Curso de Estudos Sociais: a figura masculina do tio, que gostava da área educacional e incentivou-a; o fato de a irmã já residir em Recife, cursando Estudos Sociais, e por não ter sido aprovação no vestibular para Medicina.

Em outro fragmento da entrevista, a professora afirma que o tio foi quem escolheu o curso: “[...] foi ele quem decidiu, ele decidiu a escolha do curso [...]”. Nesse discurso, a figura masculina do tio orienta-a para a vida profissional e conduz sua carreira. Quando questionada sobre se conseguia compreender que o seu curso fazia parte de uma medida do Estado autoritário, ela respondeu: “[...] De jeito nenhum, não tinha. Eu fui jogada [...]” e referiu que não tinha noção de que o país passava por um ditadura militar, contudo, durante a graduação, teve essa percepção:

Eu consegui entender porque as contradições começaram a emergir. Quer dizer, que a gente sabe que eles abafam, as contradições podem ser abafadas por algum tempo, mas elas terminam explodindo, não é? Eu comecei a ver na própria universidade o tratamento que nós recebíamos, [...] eu comecei a vivenciar isso e também já com as manifestações, começaram a surgir já no final do curso, nós reivindicávamos, “Queremos ver o, mais arroz mais feijão”, já disse a você, não é? (LOBO, Entrevista IV, 2016).

Em dois momentos distintos – o Estado Novo e o Regime Militar de 1964 – criaram-se normas e decretos, com a finalidade de adaptar a escola às normas de um Estado autoritário pautado em uma cultura cívica. Em relação ao ensino recebido na Universidade, novamente Valdilene Lobo disse o quanto sua formação escolar foi tradicional e que só conheceu o Curso de Licenciatura quando ingressou na Universidade. Convém registrar que a legislação 5.692/71, sobre a reforma do ensino de primeiro e de segundo graus, privilegiava a profissionalização dos alunos, o que justifica o fato de a professora ter tido bons professores no ensino superior, apesar de considerar ser um ensino tradicional.

Prosseguindo com sua narração, a Professora Valdilene Lobo disse que, ao concluir a graduação, tentou mais um processo seletivo para ingressar na Universidade, agora, para Enfermagem. Esse fato é curioso, porque o desejo de seu pai de ter feito Medicina fez “[...] ele aprender até ser enfermeiro [...]”. Ele e a revelação de seus pais a influenciaram a escolher a área de Saúde:

É, eu ainda fiz vestibular depois, ainda fiz para... disse vou fazer para enfermagem, porque não queria voltar para Pau dos Ferros, não sabe? Ainda por uma besteirinha [...] uma besteirinha de nada eu não passei pra enfermagem, aí eu vim embora, morava na residência universitária e tinha que trabalhar. (LOBO, Entrevista II, 2016).

Valdilene Lobo voltou para Pau dos Ferros em 1978, mas não obteve êxito no vestibular para Enfermagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ela precisava trabalhar, porque, quando concluisse a graduação, não poderia continuar morando na residência universitária. Ela disse que o fato de não ter sido aprovada no vestibular não a deixou frustrada, embora tivesse ficado triste.

Eu me entristeci quando eu fiz vestibular para Enfermagem e se eu tivesse estudado um pouquinho mais eu teria conseguido, teria conseguido, mas, não fiquei frustrada por que eu não consegui. Agora, como eu já disse, nunca pensei em fazer um curso na área de licenciatura pra ser professora, nunca passou pela minha cabeça. (LOBO, Entrevista IV, 2016).

É visível a relutância em atuar em sala de aula. Porém, apesar de não se identificar com a profissão, em 1978, começou como professora de primeiro, segundo e terceiro graus na Rede Pública do estado do Rio Grande do Norte. “[...] A atividade profissional, do outro lado, abre a perspectiva de uma atividade remunerada externa à vida familiar [...]” (FONTANA, 2010, p. 87). Sobre se se identificou com a docência ao iniciar as atividades, a professora expressou:

Não, de jeito nenhum. Pense, a mínima identificação eu não tinha. Embora, em 1973, eu fui professora do terceiro ano primário em Brejo do Cruz, pelo município, mas também era uma loucura. Sem preparação nenhuma pra dar aula, tinha um bocado de criança. Minha adaptação em sala de aula pra mim foi de início traumatizante. Porque, sem experiência, sem vivência. Eram vinte, fiquei com vinte e uma horas no estado, com cinco disciplinas diferentes, pensa aí. Língua portuguesa, no primeiro, segundo e terceiro ano. Ensinar pela manhã, à tarde e à noite. Era Língua portuguesa, Estrutura e funcionamento do ensino de primeiro grau, que é legislação do ensino. É, Geografia do Brasil, Organização social e política brasileira, a OSPB, e a disciplina específica também, a Educação Moral e Cívica. Cinco disciplinas diferentes. Isso era na época da 5692/1971, a lei de ensino de primeiro e segundo grau, que foi promulgada na ditadura militar em 1971, então tornou obrigatória a habilitação profissional, então, eu ensinava essas disciplinas tanto no magistério como no curso de contabilidade e no curso de auxiliar de escritório, lá no 31 de Março, na escola 31 de Março que era escola de segundo grau de Pau dos Ferros. (LOBO, Entrevista II, 2016).

Sua atuação em Brejo do Cruz, na escola primária e no extinto Mobral, chama à atenção para um fato recorrente na história da educação brasileira: a atuação em sala de aula

de pessoas que não têm formação na profissão, além da cultura da indicação. Questionei-a sobre essa breve experiência, e ela disse que não gostou, porque, na época, não estava preparada. Igualmente aponta outro problema de ensino ainda contemporâneo: a sobrecarga de trabalho, a diversidade de disciplinas para ministrar sem formação e a inexperiência em relação à realidade de sala de aula.

Sobre isso, esclareceu:

[...] em 1978, foi quando eu comecei a trabalhar no 31 de Março, no ensino médio. Olhe, Jéssica, prá você ter uma ideia, no segundo ano do escritório de contabilidade, como eu era coitada, tapada, fechada e não era pra ter sido professora. Tinha um aluno, Luís Sampaio, no primeiro dia de aula eu me apresentei e tudo, e ele entrava e saía, sabe o que foi que eu fiz? Botei logo ele pra fora da sala de aula, e isso criou uma revolta na turma, ele muito brincalhão. [...] Isso no primeiro dia de aula, eu fiz isso, você vê? Totalmente inexperiente. Aí eu, quando comecei quis deixar, eu entrei em parafuso, entrei em parafuso [...] Aí eu passei uma semana sem ir, eu estudava muito pra dar aula, não sabe? Mas eu tinha um medo tão grande, que sabe o que foi que eu fiz? Acho que não foi só uma noite, eu disse que estava sem poder falar, eu copiei, me lembro que em geografia eu copiei as cinco aulas, em cinco turmas diferentes, e fiquei só copiando o resumo. Mentira mulher, já pensou que coisa medonha? Porque se um aluno olhasse pra mim a minha vontade era sair correndo, quero dizer, eu não estava preparada, talvez, acho que nem psicologicamente, emocionalmente, nem pedagogicamente. Agora, estudava muito [...] Agora, também cinco disciplinas. (LOBO, Entrevista II, 2016).

Em sua narração, a professora mostra as estratégias utilizadas para continuar em sala de aula e reprimir o medo e a timidez. Vale destacar que, mesmo em espaços de opressão, alguns sujeitos resistem: “[...] Não custa reafirmar que os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder” (LOURO, 1997, p.33). Para Foucault (1988, p. 91), “[...] lá onde há poder, há resistência, no entanto (ou melhor, por isso mesmo), ela nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder [...]”. Para o autor, esse é um jogo complexo, porquanto não é apenas o dominador *versus* dominado, pois o discurso produz poder, contudo também pode barrá-lo.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (FOUCAULT, 1988, p. 96).

O ingresso na docência, a sobrecarga de trabalho e o número de turmas não são comuns apenas nesse contexto histórico, pois também acontecem na contemporaneidade.

Logo, durante algum tempo, Valdilene Lobo não quis atuar como professora, pois seu desejo era de ter ficado em Recife:

Eu teria ficado em Recife. Se eu tivesse condição eu teria voltado para Recife, não sabe? Mas, a minha condição era ser professora, teve uma semana que eu deixei, eu parei de dar aula, porque eu dizia eu não tenho vocação pra professora, eu não tenho vocação. Mas, o pior que tinha que ir. (LOBO, Entrevista III, 2016)

É fundamental destacar o termo ‘vocação’ empregado nessa fala da professora, quando afirma que não tinha condições de ser professora por não ter vocação. Esse discurso de que é “necessário vocação” para ser professor também está ancorado no discurso religioso, que, historicamente, associou a profissão de docente ao vocacional: “ [...] A concepção de magistério como vocação/sacerdócio foi construída por razões político-religiosas e autoritárias [...]”, (HYPÓLITO, 1997, p. 18). Ao afirmar “ [...] eu não tenho vocação [...]”, a professora concebe a profissão como algo que se faz por “amor”. Isso não está relacionado somente ao discurso religioso, mas também a outros enunciados também presentes nos discursos pedagógicos e, até, nos relacionados à mulher com o “dom da maternidade”. Historicamente, a profissão docente foi entendida como um “dom”, uma vocação para além da remuneração profissional.

Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à ideia de que pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. (BRUSCHINI & AMADO, 1988, p. 7)

Valdilene Lobo afirma que “aprendeu a gostar de ser professora”, em razão de seu engajamento no movimento sindical e na filiação partidária:

Fui me tornando uma boa professora [...] Agora, o que me ajudou muito foi, em 1979, me escolherem numa reunião lá no Clube Centenário, que era o clube de Pau dos Ferros ali na Getúlio Vargas e me escolheram para ser a coordenadora da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, que hoje é o Sindicato dos Trabalhadores em Educação. [...] aprendi a gostar, eu amo, eu aprendi a gostar, ter prazer, amar a sala de aula, na prática. E, como é que se diz? De me comprometer, de me tornar uma profissional comprometida, buscando competência, consciência, não é? E, a minha inserção na APRN foi pra mim a maior riqueza, porque eu era uma pessoa muito tímida pela minha educação doméstica. Eu aprendi muito, quero dizer, enfrentar o poder, fazer reunião, assembleia, fazia muito curso não é? Participava de muito seminário, viajava

muito. Ai eu comecei a deixar de ter medo, embora esse medo me acompanhou por muito tempo, porque era uma ditadura militar, me acompanhou, mas eu enfrentava, enfrentei, enfrentava mesmo, [...] Pela minha atuação política e sindical e depois partidária, [...] Agora, eu aprendi a gostar de ser professora. Isso em virtude da minha inserção na Associação de professores do Rio Grande do Norte, está entendendo? Da minha filiação no PT, a minha maior formação se deu no sindicato, nos movimentos sociais, está entendendo? No partido. [...] Eu passei a ter outro olhar, eu passei nas leituras, no engajamento, com envolvimento, a perda da minha timidez, eu era uma pessoa extremamente tímida, com a perda da minha timidez, com um olhar diferente sobre as pessoas. E pra mim uma grande aliada foi o estudo da filosofia, principalmente, da filosofia, da sociologia, antropologia. [...] Eu adoro, eu amo sala de aula, eu me sinto bem, amo. Muito bom, eu acho uma riqueza, você lidar com o ser humano, com pessoas totalmente diferentes. (LOBO, Entrevista III, 2016).

Sua identificação com a profissão docente se configurou na prática, apesar de ter tido um começo difícil. O engajamento sindical e o político contribuíram para sua formação docente, quando passou a se conscientizar do papel também de educadora. Em exercício, percebeu que, no espaço escolar, também era educanda, assim como seus alunos, e logo“ [...] aprendeu a gostar de ser professora [...]”. Essa sua compreensão nos remete a Freire (2010, p.23), a defender que “Não há docências em docência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Nessa perspectiva, Valdilene Lobo ressignificou suas experiências no cenário sindical, no político e no educacional e atribuiu sua formação como educadora à trajetória nos movimentos político e social. Partindo desse movimento de compreensão do seu papel de formadora e tomando consciência de não usar os termos professora e educadora como sinônimos, ela foi questionada sobre a distinção entre ser professora e ser educadora:

Eu não me considero uma professora. Uma educadora. [...] Agora, tem essa transição está entendendo? Eu fui professora, fui professora não é? Professora na perspectiva de trabalhar o conteúdo numa visão desarticulada, em virtude da minha formação. [...] Ai houve essa transição [...] Então, por isso é que eu digo eu fui professora nessa acepção mais conservadora, assim autoritária, porque os valores por mim vivenciados, isso desde a família, a religião, valores negativos. Mas, com o processo de reflexão pelo que eu passei, então eu deixei de ser a professora e passei a me ver mais como educadora, porque não tem uma pessoa melhor para dizer quem é você enquanto profissional do que o aluno, e eu já encontrava, quando os alunos concluíam, e ainda hoje tem aluno que diz “vixi, Valdilene, eu aprendi muito com você”. Foi quando eu vim abrir minha cabeça, foi quando eu vim compreender as coisas, ter uma visão crítica, “você pra mim foi a melhor professora” está entendendo? Porque quando a gente, eu fiz a especialização já no movimento sindical, partido político, todo

esse processo de leitura da filosofia, da sociologia, da economia política, antropologia, na história da arte. Então, eu me vejo, eu passei a me ver como educadora, não transmite só conteúdo, mas desenvolve uma relação dialética entre o ensinar e o aprender, então eu me vi, passei a me ver não só como ensinante, mas como aprendente. Vendo o aluno como um ser que tem conhecimento que tem história, que eu não via anteriormente enquanto professora. Eu sempre reitero, pela formação cultural, intelectual, emocional, doméstica, a própria questão de ser professora, de ser mulher na sociedade. Então, pra mim ser professora e educadora se constituiu numa riqueza muito grande, foi uma salvação, foi a minha libertação. Ser educadora foi a minha libertação. Eu passei, é claro, nessa sociedade a gente não é totalmente livre, mas eu construí a minha liberdade, a minha emancipação, o meu direito de voz, está entendendo? De você poder chegar nos ambientes, você ser chamada, convidada, você ter, como é que se diz? Plateia pra lhe aplaudir [...]. (LOBO, Entrevista III, 2016).

Esse fragmento denota que seu engajamento político foi primordial na transição de professora para educadora. A política desempenha um papel fundamental na educação e vice-versa e pode transformar os homens em sujeitos críticos, que agem politicamente a fim de transformar a realidade. Maar (1994, p.66) afirma que “ [...] a educação crítica do indivíduo constituiria a base da formação emancipativa e emancipadora [...]”. Corroborando essa assertiva, Freire (2013, p. 35-36, grifos do autor) afirma:

É preciso gritar alto que, ao lado de sua atuação no sindicato, a formação científica das *professoras*, iluminada por sua clareza política, sua capacidade, seu gosto de saber mais, sua curiosidade sempre desperta são dos melhores instrumentos políticos na defesa de seus interesses e de seus direitos. Entre eles, por exemplo, o de recusar, o papel de puras seguidoras dóceis dos *pacotes* que *sabichões* e *sabichonas* produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca, primeiro, de seu autoritarismo, segundo, como alongamento do autoritarismo, de sua absoluta descrença na possibilidade que têm as professoras de saber e de criar.

A dimensão política e a formação do educador estão ligadas, uma vez que a ação política pode promover a emancipação do indivíduo, assim como a liberdade, como afirmou Valdilene Lobo em sua narrativa oral.

3 O ENGAJAMENTO POLÍTICO E SOCIAL DE VALDILENE VERÔNICA DE ALBUQUERQUE LOBO (1978-2008)

O processo de engajamento político e social de Valdilene Lobo ocorreu no final da década de 70, na transição do governo do Presidente Geisel (de 1974 a 1979) para o de

Figueiredo (de 1979 a 1985). O regime militar estava no fim e falava-se em abertura política. Nessa transição, ocorreram marcos importantes, como a extinção gradual da AI-5 e a anistia dos presos políticos. Valdilene Lobo já era professora do estado do Rio Grande do Norte e fora promovida a coordenadora da subsede da Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN) em Pau dos Ferros.

[...] houve a reunião e me escolheram para coordenadora da subsede da APRN- Associação de professores do Rio Grande do Norte, que foi criada em 1920, e foi quando começou o processo de interiorização da APRN [...] isso tudo ligado ao processo de redemocratização do Brasil, em 1979, e fiquei durante nove anos como coordenadora da APRN. (LOBO, Entrevista II, 2016).

[...] primeiro, o meu envolvimento foi na Associação de Professores do Rio Grande do Norte. Houve uma reunião, a professora Neta estava em Mossoró e participou de uma assembleia da APRN e veio para Pau dos Ferros com a incumbência de escolher um representante, que seria criada aqui em Pau dos Ferros, uma subsede da APRN, que até então não tinha. Então, eu fui para essa reunião e lá indicaram o meu nome. Era uma reunião com a participação de poucos professores. Também não podia ser diferente, pois estava no início [...]. (LOBO, Entrevista III, 2016).

Esses dois trechos correspondem a dois momentos distintos das entrevistas: a primeira, em fevereiro de 2016, em que a professora relata que sua atuação na APRN aconteceu por intermédio de uma reunião; e a segunda, realizada em maio de 2016, a pedido, quando ela complementou a narração anterior e explicou como ocorreu a reunião e de que se tratava. Seu nome foi indicado devido à sua popularidade, o que possibilitou que continuasse como coordenadora até o fim da associação, que, mais tarde, tornou-se sindicato.

Apesar da indicação, ela relutou, mas, finalmente, assumiu o cargo. A APRN foi criada em 1920, com o intuito de representar e defender os interesses dos professores, pelas seguintes razões:

1º) Pela criação de um órgão de publicidade, de feição pedagógica; 2º) pela organização de uma biblioteca escolar; 3º) pelo auxílio moral e material, quando necessários, prestado aos seus associados; 4ª) pela instituição de festas cívicas e conferências sobre o ensino; 5º) pelo auxílio recíproco e os esclarecimentos que todos os sócios são obrigados a prestar uns aos outros; 6º) pela sua interferência perante as autoridades e aos estabelecimentos de ensino no sentido de melhorar as condições do mesmos e a execução dos programas escolares; 7º) pela fundação de escolas e cooperativas; 8º) pela convocação de congressos pedagógicos, nos quais sejam apresentadas e discutidas teses e questões técnicas, relativas ao ensino em geral; 9º) pela criação de uma caixa auxílio mútuo e pela beneficência e do professorado. (DUARTE, 1985, p. 23).

Segundo Santos (2008, p. 22-23), a Associação mantinha um relacionamento cordial com o poder público e

[...] passou a defender o interesse dos professores, que, por sua vez, se reuniam ‘solidariamente’ no interior da entidade, embora de forma tímida por causa de um discurso cívico-liberal dominante nessa época que, na prática, era defendido também pelo governo estadual.

Quando Valdilene Lobo assumiu a função de coordenadora da subseção da APRN, o país vivenciava movimentos grevistas no Rio Grande do Norte, no governo de Lavoisier Maia, que se refletiam no interior, impulsionados pela interiorização da APRN. Com subseção em Pau dos Ferros, Valdilene Lobo visitava, aproximadamente, 17 municípios circunvizinhos, com o objetivo de conversar com os professores sobre o movimento grevista que ocorria em alguns municípios.

É aí começou, 1979, o Governador era Lavoisier Maia, e ainda houve movimento grevista e tudo, mas no caso tudo muito solto, porque não podia ser diferente. Também, o povo com muito medo por conta da ditadura militar. Eu fui realmente me envolvendo e participando dos seminários, das assembleias, retornava à Pau dos Ferros, fazia convocação, nós fazíamos reunião, as assembleias lá na escola estadual 4 de setembro. De início muito difícil, porque os professores diziam mesmo: eu só faço greve se, estava como o colega de lado, se fulaninho fizer. (LOBO, Entrevista III, 2016)

No trecho acima, Valdilene Lobo rememora o cenário em que os trabalhadores brasileiros estavam - organizando e definindo um movimento de base sindical - orientados por ideologias dos partidos de esquerda que começavam a surgir nesse contexto e arraigados às comunidades eclesiais. A educadora expressou, em sua fala, o medo, pois essa era uma realidade expressa por muitos, mesmo com a discussão de abertura política. Convém mencionar a participação das mulheres nesse cenário que, segundo Cruz (2013, p. 74), “[...] tiveram um importante papel no enfrentamento da ditadura [...]”. Segundo Valdilene Lobo, a participação feminina era significativa, já que a maior parte delas era composta de professoras.

Segundo Antunes (1991, p. 135), “[...] no final da década de setenta, viu-se a eclosão de uma onda grevista, que atingiu diversos segmentos, alguns com pouca ou nenhuma tradição de luta [...]”. Esses movimentos envolviam diversos segmentos da classe trabalhadora, também impulsionadas pela criação da Central Única dos Trabalhadores

(CUT)⁵. No Rio Grande do Norte, o movimento grevista dos professores foi organizado, principalmente, pela APRN, fortemente influenciada pelo novo sindicalismo, com base no ABC paulista. Para Santos (2008, p. 41), “ [...] é importante afirmar, também, que esse movimento era organizado pelos chamados sindicalistas autênticos (cutistas), que estavam ligados ao PT e, desde sua fundação, em 1979, já vinham exercendo cargos na diretoria da APRN [...]”. Ainda segundo o autor, a APRN incorpora em sua agenda as bandeiras de luta defendidas pelo novo sindicalismo, seguindo a orientação sindical da CUT nacional.

Valdilene menciona a participação de alguns professores no PT e de alguns nomes conhecidos do partido no Rio Grande do Norte, como, por exemplo, da Senadora Fátima Bezerra e do Deputado Estadual Fernando Mineiro. Ela participou como coordenadora da subsede da APRN no PT no final da década de 1980, quando se aproximou das bandeiras defendidas pelo partido.

Então, isso, na luta, foi importante demais [...] Ai começou a APRN já com essas pessoas envolvidas com o PT, como Mineiro, Fatima Bezerra, o secretário de educação, Chagas, Dario, muitos, muitos mesmos, sabe? E já tudo envolvido com o PT, aí começamos a discutir (LOBO, Entrevista III, 2016).

Em outro ponto da narrativa, Valdilene Lobo demonstra que se sente mais à vontade, ao relatar o medo que os professores tinham de participar dos movimentos grevistas decorrentes da ditadura militar. Mesmo vivendo o período conhecido como abertura política, a repressão do Estado autoritário era muito recente. Todavia não eram só os trabalhadores da educação que organizavam suas lutas resistentes para defender a democracia, a liberdade e os direitos. Sob esse aspecto, Germano (1993, p. 181) afirma que “[...] temos uma geração que passou pelos bancos escolares em todos os níveis, que cursou a Universidade, mas que sofreu a ação nefasta do AI-5, é a chamada geração AI-5[...]”. Segundo o autor, o poder de crítica dessa geração foi drasticamente afetado, assim como a formação cultural e os conteúdos escolares devido à repressão e à desvalorização do profissional docente.

Valdilene Lobo refere, ainda, que criou um grupo de estudos para que os professores se reunissem na subsede da APRN, mas a participação deles foi pouco significativa.

[...] enquanto coordenadora, eu criei um grupo de estudos. A APRN disse que eu podia alugar uma casa para uma sede, eu aluguei. Houve a inauguração, não

⁵ Destaque para o novo sindicalismo, a ebulição dos movimentos sindicais, no ABC paulista, foi influenciada por outros movimentos sindicalistas na Nova República, principalmente o Movimento Docente. A CUT, que é a maior central sindical do Brasil, foi fundada em 28 de agosto de 1983, na cidade de São Bernardo do Campo, em São Paulo, e tinha como princípios a igualdade e a solidariedade. Além disso, defendia a autonomia e a independência dos sindicatos.

é? Foi bem participativo. Ai esse estudo era na subsede, lá na sede da APRN. E eram estudos aos sábados. Começou bem, mas depois foi, não sabe? Os professores deixaram de participar. Mas houve muito movimento, a gente tinha na época a rádio Cultura, que era de Zé Agripino, e ela dava, quando ele não era Governador, é claro, e dava espaço pra eu ir e me entrevistavam e tudo. Eu lembro muito bem no governo Geraldo Melo que ele foi cruel para professor, foi horrível. Fui pra Rádio Cultura e me lembro que disse “governador as nossas despesas estão vazias”. Teve mãe que me ouviu, até chorar chorou, se comoveu e tudo. (LOBO, Entrevista III, 2016).

O episódio narrado aconteceu durante o governo estadual de Geraldo Melo, no final da década de 1980. Na época, José Agripino Maia, sobrinho do governador anterior, cedia espaço para os servidores grevistas em um programa de rádio.

Os relatos de Valdilene Lobo evidenciam a transição da APRN para Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTE), ocorrida no período de 1987 a 1991, na transição do governo de Geraldo Melo. A Constituição de 1988 redefiniu os sindicatos e a associação no país, o que aumentou o número de trabalhadores sindicalizados. Nessa conjuntura, houve um aumento significativo de associados na APRN, entre 1979 e 1989, quando a associação passou a ser sindicato, de 600 sócios, para 9.100 (SANTOS, 2008). Por conseguinte, não mais como associação, mas como sindicato, passou a ser responsável pela organização de inúmeros movimentos grevistas que surgiram no Rio Grande do Norte.

Segundo a professora, já no final da década de 80, quando se filiou ao PT, participou ativamente, junto com os demais professores, da campanha eleitoral de Luís Inácio Lula da Silva pela Frente Brasil Popular (PT, PC do B, PSTU, PPS, e PSB):

[...] nós, já com o partido, com a eleição de 1989 de Lula, nós éramos muito, como é que se diz? Muito envolvidos. Alugamos uma casa lá onde hoje é a Total Eletro, lá na esquina. Fizemos um barzinho para arrecadar fundos para a campanha de Lula. Mulher, foi lindo demais, foi bom demais, o nosso envolvimento, a nossa vontade que o Brasil mudasse. Com a nossa consciência, já estava bem mais apurada, bem mais apurada, e o ódio do povo também, porque era do PT. Ave Maria! Tinha gente que tinha ódio e se pudesse matar, matava. Mas, foi um envolvimento grande. (LOBO, Entrevista III, 2016).

A afirmação “não estava sozinha” justifica uma consciência mais “apurada”, pois, ao se engajar, política e socialmente, na comunidade, não tinha uma consciência crítica, porquanto sua formação como professora ocorreu na perspectiva da pedagogia tecnicista, sobretudo em um período em que não teve uma educação que primasse pela criticidade dos sujeitos. Então, só teve a oportunidade de ter contato com leituras e momentos que propiciassem essa consciência crítica quando se inseriu no sindicato, depois que se filiou ao

PT e quando atuou no ensino superior, mesmo tendo ingressado na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte em 1979.

Ao se engajar nas lutas reivindicatórias, Valdilene Lobo foi acusada de “atrapalhara ordem”. Durante o regime militar, alguns lugares e/ou pessoas não acreditavam que o país estava passando por um golpe. Para muitos, o que se vivia era a Revolução de 1964, ou Revolução de 31 de Março. A professora rememora que, no início, acreditava nisso. De fato, durante esse período, o Estado propagou o patriotismo e o civismo com as mais variadas formas como, por exemplo, as reformas na educação. Assim, quem tentasse subverter essa ordem, era taxado de comunista e, muitas vezes, punido.

Nesse contexto, percebemos que a palavra rejeição aparece constantemente na fala da entrevistada e nas de alguns professores. Ela relata que também havia certa rejeição da família por causa de seu engajamento político.

Agora a minha família não queria, tinha a rejeição da minha família [...] Meus irmãos, minhas irmãs, papai também, queriam que eu deixasse isso de lado, porque se acontecesse alguma coisa comigo por conta dessa minha participação ninguém ia me defender, não sabe? Mas eu não deixei de jeito nenhum. (LOBO, Entrevista III, 2016)

[...] Comigo mesma quando eu estava muito pressionada eu tinha, não sabe? Assim, principalmente à noite, porque a noite é que vem as coisas ruins, os pensamentos, e você começa a refletir [...] Agora, eu ficava muito constrangida quando eu ia para as escolas, fazia reunião para os professores decidirem pela greve. Ai quando eu via aquelas crianças, não sabe? Saírem da sala de aula. Teve um dia em que eu chorei, lá em José da Penha, eu me senti muito com uns três alunos, umas crianças, não sabe? Eu vi eles, assim, mal vestidos e tudo... porque tem horas que a gente... o contraditório, não é? Quando eu vi comecei a chorar, eu dizia “meu Deus, eu não estou fazendo certo”. (LOBO, Entrevista III, 2016)

Tive muito medo, tive muita vontade de recuar, sabe? E em alguns momentos quando eu via que era necessário recuar, eu recuava, para ver se lá na frente avançava. (LOBO, Entrevista III, 2016)

Ainda em 1988, já filiada às eleições municipais, Valdilene Lobo lançou sua candidatura a vereadora pelo PT. Diferentemente da situação anterior, quando, em 1982, candidatou-se a vereadora persuadida pelo pai, no PDS, sua indicação veio do partido, da qual não rejeita a indicação, e que sua campanha estava mais ligada à educação, “[...] educação de qualidade, uma educação emancipada, não sabe? A defesa do magistério, o processo de organização das classes trabalhadoras”. (LOBO, Entrevista III, 2016)

Valdilene Lobo novamente não conseguiu se eleger. Nas primeiras eleições, as petistas lançaram candidaturas, mas não tiveram muita visibilidade, e poucas foram eleitas. “[...] algumas não tinham a concepção feminista, o que não contribui para o debate interno e externo do partido nesse sentido. Além disso, a direção partidária era formada, quase que totalmente, por homens[...].” (CRUZ, 2013, p. 78).

A narrativa revela uma curiosidade: no engajamento político do qual fazia parte, a participação feminina era maioria: “Que eu me lembro, era eu, Aldaceia, Margarida, Aparecida, Vanda, Diniz, Divalda, eram mais mulheres” (Entrevista realizada em maio de 2016). A maioria era da Educação Básica; da Universidade, eram as educadoras Valdilene, Verônica e Margarida Pinheiro. Assim, todos/as os/as que estavam engajados/as com o partido eram professores/as. Talvez haja alguma relação com a feminização do Magistério, pois a maioria do professorado compunha o público feminino. Quanto à participação feminina no PT, o partido tinha o propósito de alcançar a classe trabalhadora, que já sinalizava a presença das mulheres como sujeitos explorados.

Das ruas para a Universidade, Valdilene Lobo, como profissional do CAMEAM/UERN, lançou sua primeira candidatura como diretora do *Campus* em 1989. Em sua primeira candidatura à gestão do *campus* da UERN, ainda denominada de Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), uma das propostas da chapa era de abolir a cobrança de taxas feita aos alunos, lutar para que o Conselho Federal de Educação reconhecesse a URRN e para que a administração fosse descentralizada. Outrossim, objetivava o cargo de coordenadora do *campus* ao lado do Professor Andreas Alphos Marie Demartelaere.

No tocante a sua candidatura ao *campus*, em 1999, Valdilene Lobo lançou a chapa intitulada ‘Compromisso com a cidadania’, junto com sua candidata a vice-diretora, Suêrda Bessa dos Santos Vital. Valdilene Lobo tornou-se diretora do *campus* de 1999 a 2003.

A trajetória de Valdilene Lobo na política revela um aspecto diferente em um dado momento, qual seja, ao optar por relegar o espaço doméstico e dar prioridade ao engajamento político, a sua militância como professora.

Eu vim morar com Eliezer em outubro de 1991. Eu tive meu filho em 1992. Eu até me questiono, eu deixei de priorizar a família em benefício da profissão, da minha luta política, eu deixava mesmo. Meu marido foi quem praticamente criou os dois. E sinceramente eu avalio, refletindo assim, eles tiveram prejuízos. Eles tiveram porque eu não dei a assistência devida que deveria ter dado por conta da minha condição de professora e de militante. Eu abdicava a minha condição de mãe e não abdiquei a minha condição de profissional, de educadora e de

militante, sabe? ‘MeuDeus, eunãotenteiequilibrar!’ Parece que o movimento político sobrepuxou a minha condição de mãe. Acho que foi assim, como eu fiquei atrelada ao movimento e já arranjei eles numa idade avançada. Isso me preparou mais para política do que para ser mãe. Quero dizer, foi um tempo longo, não é? No movimento, foi longo esse tempo, enquanto que com eles... (LOBO, Entrevista IV, 2016).

Durante a narração, a professora silenciou em vários momentos. Ao rememorar, refletiu acerca de seu engajamento político na comunidade e da relação com a família, embora, em grande parte das entrevistas, ela afirme que, devido à sua militância na educação, conseguiu se emancipar e libertar do contexto outrora conservador. Em suas reminiscências, a educadora entra em certo conflito e questiona sobre se, naquela ocasião, fez a escolha certa ao se dedicar mais ao engajamento político do que à criação dos filhos. Para ela, seus filhos foram prejudicados, pois, quando se aposentou em 2008, ambos já eram adolescentes. Sua fala demonstra sentimento de culpa.

Valdilene Lobo afirmou que, diferentemente de muitas outras histórias, a “dupla jornada” não foi um obstáculo em sua atuação política, haja vista optar por seguir na militância. Todavia é necessário destacar que as mulheres ainda encontram diversos entraves, o isolamento na vida doméstica é um exemplodisso.“ [...] Aquelas que exercem trabalho remunerado permanecem, em geral, como responsáveis pelo lar, no fenômeno conhecido como ‘dupla jornada de trabalho’, tendo reduzido o seu tempo para outras atividades, incluída aí a ação política [...]” (COSTA, 1998, p.94). Nesse entendimento, Costa (1998, p.89, grifoda autora) afirma que a “ [...] a **dupla jornada** está presente também na vida das mulheres, que exercem cargos públicos, militam em partidos ou sindicatos, atuam no parlamento etc.”

Cabe ressaltar que a luta por igualdade de gênero tem avançado. Muitas são as conquistas, embora se saiba que também existem obstáculos, sobretudo na arena política. A participação feminina no cenário político brasileiro, dentre outros espaços, ainda é singular, porquanto depende de uma série de fatores, e muitas mulheres ainda estão submersas no âmbito doméstico, perdurando o discurso de que política é lugar de homens. No caso da professora, sujeito deste estudo, durante toda a sua narração, ela reitera a importância que o engajamento político teve em sua vida. A valorização dessa experiência aparece de forma constante em sua fala. E inserir-se naquele espaço a fez uma profissional melhor, possibilitou que construísse sua identidade docente e influenciou suas práticas educativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler a história de Valdilene Lobo, na perspectiva de uma biografia educativa, confronta-nos, desafia-nos e nos ensina. As memórias de sua experiência de formação nos fez compreender como se constituiu sua identidade professoral nos movimentos reivindicatórios que eclodiram no final da década de 1970 e início dos anos 1980. A narrativa da professora revelou que ela não formou sua identidade docente somente no espaço escolar, mas também, sobretudo, no movimento sindical, como coordenadora da APRN e filiada ao PT. Destarte, a educadora apresenta um espaço político nessas duas instituições, carregado de possibilidades de formação. Ela afirma que nele encontrou sua “libertação” e “emancipação”.

Ao fazer esse exercício de rememoração, Valdilene Lobo se apropriou da própria vida e de uma trajetória não apenas dela, porque, como o indivíduo é um ser universal, não escapa da coletividade. Segundo Delory-Momberger (2008, p. 36, grifos da autora), para nos apropriarmos de nossa vida, precisamos narrá-la e escrevê-la.

Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebendo o que vivemos por intermédio da *escrita* de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias); de certo modo, só *vivemos* nossa vida escrevendo-a na linguagens das histórias.

Ao tratar de memória de uma docente relacionada aos aspectos de rememoração e de ressignificação de trajetórias e experiências, passamos a compreender como Valdilene Lobo se constituiu por meio de acontecimentos e experiências vividas ao longo da vida. Entre lembranças e esquecimentos, demos visibilidade a um pequeno fragmento da história da professora, em razão dos limites deste trabalho e do espaço. No entanto, ela deixou seu lugar de memória na narrativa que fez para este estudo, possibilitou-nos ter uma noção da imagem construída por ela mesma e nos mostrou como a representação de si.

ABSTRACTS

This study seeks to give visibility to the memories of a teacher from the State of Rio Grande do Norte, Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo, in order to analyze her educational trajectory and political and social engagement in the city of Pau dos Ferros / RN between 1978 and 2008. Interest in the history of this teacher arose because we learned about the trajectory of women educators politically engaged in the union and social movements of Pau dos Ferros, whose curiosity made us question about the female representation in politics in this city. In order to understand the process of constructing the professorial identity of Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo, we used oral sources (oral history) to narrate her

formal schooling process articulated between family histories and political configurations. Thus, we do not attempt in this study to consider the teacher and her narrated events as a faithful portrayal of the past, since the memory is something changeable and resignified from the look of the present.

Keywords: Memory, teaching, political.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O Novo Sindicalismo**. São Paulo, Brasil Urgente, 1991.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008. (Questões fundamentais do ser humano, 7).
- COSTA, Ana Alice Alcântara. **As donas no poder**. NEIM/UFBa, Salvador, 1998.
- CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política**. São Paulo, Outras Expressões, 2013.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Pesquisa autobiográfica em educação, 1).
- DEODATO, Lara Letícia Dias. NETA, Olívia Moraes de Medeiros. **O patronato Alfredo Fernandes e a história da educação de Pau dos Ferros (RN)**. Anais do VII CONNEPI, 2012. Disponível em <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/3395/1492>. Acesso em maio de 2016.
- DUARTE, Haroldo Teixeira. **História da Associação de Professores do Rio Grande do Norte – APRN**. Natal 1985.
- FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Coleção Leitura.
- _____. **Professora sim, tia não**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber**. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GERMANO, José Wellington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1993.
- HYPÓLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. São Paulo: Ed. Papirus, 1997.
- LOBO, Valdilene V. de A. **Entrevista I [fev.2016]**. Entrevistadora: Jéssica Fernandes. Pau dos Ferros, 2010. 1 arquivo .mp3 (60 min.).
- _____. **Entrevista II [mar.2016]**. Entrevistadora: Jéssica Fernandes. Pau dos Ferros, 2010. 1 arquivo .mp3 (60 min.).
- _____. **Entrevista III [mai.2016]**. Entrevistadora: Jéssica Fernandes. Pau dos Ferros, 2010. 1 arquivo .mp3 (60 min.).
- _____. **Entrevista IV [out.2016]**. Entrevistadora: Jéssica Fernandes. Pau dos Ferros, 2010. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. São Paulo: Vozes, 1997.
- MAAR, Wolfgang L. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt. In: PUCCI, Bruno (Org.). **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994. p. 59-81.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- SANTOS, José Maximiano dos. **A transformação da Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN) em Sindicato dos Trabalhadores em Educação (1986-1990)**. Dissertação de Mestrado. Natal, 2008.

Submetido em: 03/10/2017

Aprovado em: 23/05/2018

Publicado em: 20/06/2018